

# “Homem” e “Mulher” numa visão tradicional segundo Tomás de Aquino<sup>1</sup>

“Man” and “Woman” in a Traditional Vision according  
to Saint Thomas Aquinas

*Thiago Sebastião Reis Contarato<sup>2</sup>*

## RESUMO

---

Neste artigo, veremos como compreender mais corretamente a visão tradicional de “homem” e “mulher” tomando como referência a filosofia de Tomás de Aquino. Buscaremos fazer melhor definição possível de tal visão tradicional, apresentando argumentos que a torne coerente. Neste sentido, questões muito problemáticas serão revisadas, como a mulher ser considerada um “defeito” ou “falha” da natureza, ter uma “função passiva” no sexo, ser “sujeita socialmente” ao homem e o pecado original ser de sua culpa. Essas questões não serão tornadas coerentes no sentido de que estamos justificando tais situações, mas serão revisadas no sentido de se compreender melhor o que induziu os antigos e medievais a entenderem as coisas desse modo. *Muitos entendem erroneamente* que os antigos e medievais defendiam tais pensamentos por um mero preconceito sexista, *construindo sistemas com a intenção* de ofender e diminuir as mulheres. É contra esta *posição errada* que estamos produzindo esse artigo, pois veremos que *os medievais não tiveram intenção de ofender as mulheres* já que *não tinham escolha* em face do conhecimento da época, atribuindo pesos e responsabilidades para cada sexo conforme a natureza que os descrevia, apesar de que talvez os seus instrumentos não tenham sido suficientes para tal objetivo. É importante esclarecer que o artigo não pretende fazer oposição ao movimento feminista, pois reconhecemos as necessidades históricas de tal movimento. Na verdade, nossa *abordagem de definição* pode ajudar a esclarecer os mal-entendidos e oferecer benefícios para o movimento feminista, tal como exporemos nas Considerações Finais.

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Homem; Mulher; Visão Tradicional; Tomás de Aquino.

---

---

<sup>1</sup> Recebido em 01/10/2015. Aprovado em 01/02/2016.

<sup>2</sup> Mestre e Doutorando em Filosofia pela UFRJ no PPGLM. Professor de Lógica Clássica da UFRJ no departamento de Filosofia e de Biblioteconomia. E-mail: professorthiagofilosofia@outlook.com.

## ABSTRACT

---

In this article, we will see how to understand more accurately the traditional view of “man” and “woman” and we was taken as reference the philosophy of Thomas Aquinas. We seek to do the best possible definition of such traditional view, presenting arguments that make it coherent. In this sense, very problematic questions will be reviewed, as the woman *be considered a "defect" or "failure" of nature, have a "passive role" in the sex, be subjected socially to man and be guilty for original sin*. These questions will not be made coherent in the sense that we are justifying such situations, but these questions will be reviewed in order to better understand what induced the ancient and medieval understand it that way. *Many people believe mistakenly* that the ancient and medieval defended these thoughts for a mere sexist preconception, *building systems with the intention* of offending and diminish the women. It is against this *position wrong* that we are producing this article because we will see that *the medievals had not intention of offending women*, because *they hadn't choice* in face of the knowledge of the epoch , assigning weights and responsibilities for each sex as the nature that they described, although maybe their instruments were not sufficient for this purpose. It is important to clarify that the article does not intend to object to the feminist movement, because we recognize the historical needs of such movement. In reality, our definition approach can help clarify misunderstandings and provide benefits to the feminist movement, such as we will expose in the Final Considerations.

---

**KEYWORDS:** Man, Woman, Traditional View, Thomas Aquinas.

---



## Introdução

Muitos consideram os textos medievais como altamente machistas, desvalorizando as mulheres, mas nem sempre são assim. Os textos biológicos são os textos que mais recebem a interpretação desse tipo, mas quando esses textos biológicos lidam com o intelecto, eles recebem uma posição bem igualitária na medida do possível. Assim, podemos encontrar textos como esse na Suma Teológica:

Na sua natureza particular, a fêmea é um ser deficiente e falho. Porque a virtude ativa, que está no sémen do macho, tende a produzir um ser perfeito semelhante a si, do sexo masculino. Mas o facto de ser a fêmea a gerada provém da debilidade da virtude ativa, ou de alguma indisposição da matéria; ou ainda, de alguma transmutação extrínseca, p. ex., dos ventos austrais, que são úmidos, como diz Aristóteles (S.Th.I, q. 92, a. 1, ad 1).

Contudo, muitos autores de má fé apresentam apenas este trecho *sem a continuidade* (que apresentaremos mais adiante no tópico 3) com a intenção de difamar a imagem de Tomás de Aquino. Além disso, também encontramos textos de Tomás de Aquino que são até mesmo citados em movimentos feministas com poucas variantes. O texto logo abaixo normalmente é citado como tendo um “autor desconhecido”, mas agora já sabemos quem é o verdadeiro autor desse pensamento. Vejamos o texto:

Era conveniente que a mulher fosse formada da costela do homem. – Primeiro, para significar que deve haver união entre o homem e a mulher. Pois, nem esta deve dominar aquele e, por isso, não foi formada da cabeça; nem deve ser desprezada pelo homem, nem como sujeição servil, e por isso não foi formada dos pés (S.Th. I, q. 92, a. 3, co).

Ao longo desse artigo, tentaremos expor essas duas faces do pensamento tomista, de modo que veremos como eles poderiam ser aceitáveis sem ofender a ninguém. Assim, observaremos que os medievais não tinham a menor intenção de ofender ou rebaixar as mulheres, mas antes buscavam tornar justas as relações humanas. Reconhecendo os limites e as qualidades naturais de cada um, era possível oferecer a ajuda necessária para cada homem ou mulher viver melhor, bem como oferecer papéis sociais em que cada sexo possa desempenha-se com mais facilidade.

## 1. Metodologia

Antes de adentrarmos nas reflexões que virão, é importante fazermos uma exposição sobre a metodologia que utilizaremos, bem como suas vantagens. Nesse sentido, podemos identificar essas seguintes observações metodológicas:

O nosso estudo **não** pretende seguir uma **abordagem histórico-cultural** no sentido de apresentar o contexto prático e cultural da época medieval ou antiga como sendo a base da visão tradicional. Noções de “cultura” e “construção social” ganharam ênfase após os contratualistas modernos e com teorias contemporâneas. Por mais que essas exposições

sejam muito relevantes, não dá para supor que Tomás de Aquino via a Igreja ou os papéis sociais como sendo um mero fruto de um “acordo social” ou “convenção” e muito menos dá para supor que ele, tendo consciência de que tudo seria convencional, pretendeu defender como “natural” por interesse. Seguir uma linha desse tipo seria fazer um “tomismo segundo os modernos” ou “segundo os contemporâneos” e isso seria anacrônico. Os medievais, dentre eles Tomás de Aquino, sabiam que haviam coisas convencionadas socialmente, como as leis humanas e o direito positivo<sup>3</sup>, mas essas convenções só ocorreriam para se atingir *os contextos e situações particulares* que as leis universais e naturais da razão não conseguem alcançar. Mesmo assim, essas convenções sociais particulares de cada local não poderiam entrar em contradição com as leis naturais e universais da razão, sob pena de se cometer injustiça ou simplesmente cair em erro. Assim, neste artigo, estamos nos esforçando para ver o pensamento de Tomás de Aquino do mesmo modo que **ele via a si mesmo em seu tempo e com suas teorias**. Para tanto, evitaremos o máximo possível usar de outras fontes que não sejam os próprios textos de Tomás de Aquino.

Desse modo, pretendemos seguir uma **abordagem de definição**, pois a intenção é desenvolver uma definição coerente da visão tradicional, apesar das limitações que surgirão. Quando se faz uma definição se busca delimitar teoricamente onde **começa** uma visão tradicional e onde **termina** essa mesma visão. Com essa abordagem, podemos identificar os **usos** (quando estiver dentro da definição) e os **abusos** (quando estiver fora da definição) da visão tradicional. A compreensão dos usos e abusos da definição tradicional é de suma importância para todos, principalmente para o movimento feminista. De fato, conhecer a possibilidade de uma *interpretação melhor* de uma tradição permite a quem a segue religiosamente guiar melhor suas atitudes e evitar abusos. Mesmo aqueles que não seguem tal tradição, como movimentos progressistas e feministas, também podem se beneficiar com tais saberes, considerando que esses possibilitarão um melhor diálogo com linhas de pensamento mais conservadoras. Deixaremos para as considerações finais desse artigo algumas reflexões sobre as vantagens de tal abordagem de definição.

A abordagem de definição é propedêutica, isto é, serve de preparação, em relação à abordagem histórico-cultural, e não o contrário. O motivo para isso é que a teoria nem sempre é colocada em prática. O exemplo mais palpável disso é o dos soviéticos que diziam estar realizando um sistema “socialista” ou “comunista”, mas estudiosos marxistas observam que aquilo que foi colocado em prática não chega nem próximo da definição do “comunismo” proposta por Karl Marx. Assim, ao longo da história, há casos claros de **desentendimentos** e os **abusos** aplicados na prática. Compreendo a visão tradicional desse modo, culpar Tomás de Aquino pelos abusos de sua teoria é o mesmo que culpar Karl Marx pelos Gulags, ou Nietzsche e Heidegger pelo Nazismo. Desse modo, considero que movimentos sociais em diversas épocas insurgem principalmente contra os **abusos** da teoria, que realmente ocorriam e que causava algum tipo de legitimação. Além disso, tais abusos podem englobar também **modificações na teoria**, de modo que vários filósofos

<sup>3</sup> Cf. S.Th II-II, q. 57, a. 2, co.

ligados a esses movimentos sociais normalmente se opõem e descrevem os **abusos teóricos** da visão tradicional e não a visão tradicional em si mesma. Por exemplo: se existe uma interpretação tal como a colocaremos, então por que os homens preferiram uma interpretação mais radical? Ora, o porquê desse abuso será exatamente explicado pelas *relações de poder* e pelos *interesses machistas*, tal como é exposto por vários filósofos contemporâneos e pelo movimento feminista.

Desse modo, é importante deixar claro que a definição da visão tradicional não é unânime, mas há diversas definições possíveis. Tomamos como referência o filósofo Tomás de Aquino por ser ele uma grande autoridade para Igreja, de modo que muitas das vezes representa o pensamento da mesma. Dentro do movimento tomista, pode haver várias interpretações, mas buscaremos defender *a melhor possível*. Para tanto, usaremos principalmente a fonte primária, isto é, os próprios textos de Tomás de Aquino. Como temos uma abordagem de definição, relacionaremos os conceitos de “homem”, “mulher”, “macho” e “fêmea” em diversos contextos, mas de modo que um conceito se prende ao outro por um elo lógico. Assim, logo de início eliminaremos que a mulher (e a fêmea em geral) seja um suposto “defeito da natureza” por causa da menstruação, mas consideraremos que a conclusão equivocada da “mulher como defeito” se dava porque Tomás de Aquino tinha premissas limitadas na Biologia que forçavam essa conclusão. Veremos, logo em seguida que, pelo fato de termos um intelecto, homens e mulheres seriam iguais perante Deus, de modo que se a Biologia Antiga não ajuda na igualdade, ao menos a Teologia auxilia nessa ajuda. Em seguida, trataremos do problema da submissão feminina que está num nível Sociológico, mas que é explicado através de elementos Teológicos junto com Biológicos, daí a necessidade dos tópicos anteriores. Por fim, reforça-se como a Teologia tomista pode auxiliar de modo favorável às mulheres na compreensão da Culpa Original.

Nesse artigo, não se pretende fazer uma apologética pura e simples de uma doutrina até as últimas consequências, mas sim pretende-se seguir o Princípio de Caridade ou de Boa Vontade Interpretativa. Proposto por Donald Davidson<sup>4</sup>, em termos gerais, tal princípio reza que se há uma interpretação mais coerente que outras, então essa interpretação deve ser preferida em detrimento das outras. A intenção é evitar atribuir pensamentos irracionais a alguém quando, na verdade, existe uma interpretação racional possível. Por exemplo: alguém chega numa sala cheia de alunos com o professor dando aula e pergunta: “Está havendo aula?”. Como interpretar essa pergunta? Por *má vontade interpretativa*, alguns podem supor que esse alguém é um débil mental ou é cego, mas com *boa vontade interpretativa*, se compreende que a frase não é uma pergunta, mas uma expressão de surpresa diante do fato de haver aula. É observável que quem tem boa vontade interpretativa pôde interpretar melhor. Desse modo, seguindo o princípio da boa vontade interpretativa, buscaremos apresentar *a melhor interpretação possível*, deixando bem claro que, mesmo sendo a melhor interpretação, isso **não quer dizer que a teoria está**

---

<sup>4</sup>Davidson desenvolve esse princípio na obra “*Inquiries into truth and interpretation*”.

**completamente correta ou justificada.** Daí que não se pode considerar a abordagem que seguiremos como de apologia a uma doutrina.

Sendo assim, “**explicar**” não significa “**justificar**”, isto é, apresentar as causas e motivações de algum evento não significa “**tornar justo**” o determinado evento. Com má vontade interpretativa, apela-se para noções externas às ideias e aos pensamentos da época, afirmando, por exemplo, que “**interesses**”, “**construção social**” e “**pacto social**” estão na base da visão tradicional. De nossa parte, para explicarmos as visões tradicionais, mostraremos as premissas que levaram os medievais a tirarem as conclusões deles. Sendo assim, *dentro das premissas que os medievais tinham, se seguia necessariamente* aquela conclusão. É exatamente pelo fato de “**se seguir necessariamente**” que veremos que os medievais *não tinham escolha* a não ser tirar aquelas conclusões. Em outras palavras, a nossa hipótese de interpretação é a de que os filósofos não foram movidos por “**interesses machistas**” numa “**construção social**” fruto de um mero “**pacto social**” entre indivíduos, mas sim que esses filósofos seguiram o raciocínio lógico e não tiveram escolha, considerando o grau inferior de conhecimento que se tinha na época.

Nesse ponto, será importante lembrar que as premissas são dadas de acordo com o conhecimento que se tem na época sobre a natureza biológica. Assim, tendo “**premissas limitadas**”, teremos “**conclusões limitadas**”, mesmo que estas *se sigam necessariamente* das premissas. Portanto, com o conhecimento biológico desenvolvido na modernidade, as premissas mudam e conseqüentemente muda-se a conclusão. Um exemplo claro disso envolverá o problema de os medievais considerarem a mulher como um “**defeito**”, o que explicaremos mostrando as causas e as premissas que levaram os medievais a pensar desse modo. Contudo, observaremos que as noções biológicas atuais impedem tal compreensão, de modo que fica claro que **não estamos justificando tal posição**. Justo seria descrever completamente o que ocorre na realidade com premissas corretas, sem limitação de conhecimento. Na sua época, provavelmente, Tomás de Aquino e outros autores **achavam** que estava justo e legitimado, mas atualmente sabemos que não é justo.

Em outras palavras, a diferença entre nós na atualidade e os Medievais é uma diferença de grau de conhecimento a respeito da verdade das premissas usadas nos raciocínios. Uma vez tendo premissas diferentes, nós e os medievais temos conclusões diferentes. Isso significa que nem nós e nem os medievais estamos sendo desonestos nos raciocínios, pois ambos temos raciocínios logicamente válidos. Sendo assim, os antigos e medievais poderiam basear o raciocínio deles nos efeitos experimentáveis da concepção e da gestação humana. Por exemplo: é necessário que haja sêmen para a concepção, havia experiências da mulher sobre a movimentação do embrião, indicando a partir de qual época o embrião teria mais consciência, dentre outras coisas. Baseando-se nestes efeitos experimentáveis, tanto Aristóteles quanto Tomás de Aquino poderiam desenvolver reflexões usando o raciocínio lógico. De fato, os filósofos escolásticos são considerados excelentes estudiosos e desenvolvedores da Lógica Clássica, mas são muito limitados no que diz respeito ao estudo, ao conhecimento científico, melhor desenvolvido na Modernidade.

Para finalizar, cabe a nós uma pequena análise sobre o que conseguimos observar do modo como Tomás de Aquino usou<sup>5</sup> os termos em latim (considerando o radical das palavras). Os termos “*femina*” pode significar “mulher” quando está em oposição com “*maritus*” ou “*homo*”, mas também pode significar “fêmea” quando está em oposição com “*mas*”, de modo que o uso de “*femina*” (mulher, fêmea) e “*mas*” (macho) em Tomás de Aquino costuma aparecer nos momentos em que há uma **relação biológica**, normalmente relacionada à prática do **sexo** ou à **procriação, que é comum a todos os animais, incluindo os seres humanos, porque também são animais**. O mesmo sentido biológico e comum aos animais ocorre com “*masculinum*” e “*femininum*”. Onde, na tradução em português, haver um embaraço com a palavra “fêmea”, pois não a usamos cotidianamente no português para se atribuir às mulheres, mas alguns textos deste artigo traduzem “*femina*” por “fêmea” para indicar a *mulher também*, juntamente com as fêmeas dos animais. O mesmo ocorre com a palavra “*mas*” (traduzida por “macho”), que também se refere aos homens. Por outro lado, Tomás de Aquino demonstra usar **apenas para os seres humanos, normalmente num ponto de vista social ou político**, a palavra latina “*vir*” (para “homem”) e a palavra “*mulier*” (para “mulher” ou “esposas”, dependendo do contexto). Nesse sentido também são usadas as palavras “*maritus*” para “marido” e “*uxor*” para “esposa”. O termo “*homo*” costuma se tratar de “humano”, de modo neutro, mas não se descarta o uso como masculino em poucos casos.

## 2. A determinação dos sexos e a suposta “deficiência” feminina:

Os pensamentos biológicos vindos de Aristóteles podem ser considerados como base para a compreensão de que Tomás de Aquino defendia que a mulher é inferior ao homem, chegando, em muitos casos, até mesmo a apresentar a mulher como um suposto “defeito” da natureza. O texto já citado na introdução coloca claramente a “*fêmea como um ser deficiente e falho*”. Como compreender isso?

Inicialmente, pode-se pensar de maneira equivocada que Tomás de Aquino considera a mulher como um “ser deficiente ou falho” por causa da menstruação que ocorre a cada mês. Sendo assim, há quem considere que a “deficiência” ou “falha” da mulher viria de uma concepção machista onde a mulher seria “imunda” por causa do fato de expelir sangue, enquanto o homem seria “puro” (sic). Contudo, essa posição está distante de Tomás de Aquino. O Doutor Angélico também considera que o homem “imundo” pelas secreções seminais, de modo que para a menstruação da mulher havia um correspondente no homem. Onde, homem e mulher não se diferenciam em termos de imundície, de modo que ambos seriam “deficientes” e “falhos”. Assim, é por outro raciocínio que Tomás de Aquino considera a mulher deficiente ou falha. No texto abaixo, na medida em que trata de explicar os preceitos da lei antiga dos hebreus no Antigo Testamento, Tomás de Aquino deixou claro que não há diferenças na “imundície” entre os sexos:

---

<sup>5</sup> Outros autores podem ter usado os termos latinos de modo diferente. Verificamos apenas nos textos atribuídos a Tomás de Aquino.



Os leprosos eram considerados imundos. Semelhantemente, as mulheres que sofriam de fluxo de sangue, por doença, ou também por natureza, ou no tempo do mênstruo, ou, ainda, no da concepção. E pela mesma razão os homens eram considerados imundos, que sofriam de fluxo seminal, quer por doença, quer por poluição noturna, ou ainda, pelo coito. Pois, toda a umidade saída do homem, desses modos sobreditos, implicava infecção imunda. Também eles contraíam uma certa imundícia pelo contato com determinadas coisas imundas (S.Th. I-II, q. 102, a. 5, ad 4).

Descartando a hipótese anterior, podemos dizer que, na verdade, o pensamento de que a mulher seria um “ser deficiente e falho” está baseado no modo como Aristóteles e Tomás de Aquino explicavam a **origem biológica dos sexos**. Afinal de contas, *por que este indivíduo é homem e aquele é mulher?* Qual é a causa do sexo masculino e do sexo feminino? Para explicarmos isso, segundo Tomás de Aquino, é necessário compreendermos a versão dele para um evento indispensável para a geração humana: a prática do sexo.

No início de um relacionamento amoroso normalmente se vê os homens tomando a iniciativa para se concretizar o relacionamento, enquanto as mulheres recebem os pedidos de relacionamento, onde podem dizer que “sim” ou que “não” para o início do mesmo. Em outras palavras, o homem tem a atitude e a mulher recebe a atitude. Até esse ponto, alguém até poderia dizer que se trata de algo convencionado socialmente e que os tempos estão mudando, mas não podemos negar a tendência de que as coisas ocorram assim.

De qualquer modo, homens e mulheres foram feitos para se unirem. Nesse sentido, a mulher é considerada um “adjutório” para o homem. Apesar de essa palavra ser incomum para nós, “adjutório” indica apenas algo que é [1] externo e separado do homem, mas que [2] se junta, se une ou se associa a ele com a finalidade de haver [3] um auxílio, uma ajuda ou uma complementação para a realização de [4] *alguma atividade* que não poderia ser feita de modo solitário. Essa atividade será principalmente a geração humana de filhos através do sexo, donde se *teria um meio natural de se construir um grupo social* conhecido como “família”. Nos textos abaixo de Tomás de Aquino, vemos esses elementos que envolvem essa união entre homem e mulher de acordo com a numeração aqui colocada:

Era necessário que a mulher fosse feita para adjutório do homem. Não, certo adjutório para qualquer outra obra, como alguns disseram; pois, nisso o homem pode [3] ser ajudado, mais convenientemente, por outro homem, do que pela mulher; mas para o adjutório da geração. [...] Ora, o homem se ordena a uma operação vital mais nobre, que é o inteligir. E por isso nele, com maior razão, devia haver a distinção entre uma e outra virtude, de modo que a fêmea fosse [1] produzida separadamente do macho; e, contudo, ambos se [2] unissem, carnalmente, [4] para a obra da geração. Por onde, logo depois da formação da mulher, diz a Escritura: ‘Serão dois numa só carne’ (S.Th. I, q. 92, a. 1, co). [...] na espécie humana, o varão e a mulher unem-se, não só pela necessidade da geração, como os brutos, mas também para a *vida doméstica*, na qual há uns atos próprios ao homem e outros, à mulher [...] (S.Th. I, q. 92, a. 2, co).

Assim, uma vez que com a prática do sexo para a reprodução não estamos lidando mais com algo convencional, temos *um grupo social que se constituiu naturalmente*, a família natural<sup>6</sup>. Antes de compreender esse grupo social, é necessário compreender o que ocorre naturalmente ali dentro. Na prática do sexo, o homem produz o sêmen e o lança internamente na mulher. Mesmo mudando a posição sexual e colocando o homem parado enquanto a mulher se movimenta, é o homem que dá o sêmen e a mulher que recebe. Considerando isso, o homem claramente age sobre a mulher, enquanto esta recebe a ação. No pensamento de Tomás de Aquino, não se tem em mente o modo como se realiza o sexo, mas se tem em vista a relação entre o *sêmen do homem* e a *“matéria” da mulher* porque é esta relação que será responsável pela concepção. Assim, Tomás de Aquino defenderá que o homem tem o papel ativo na relação sexual e na concepção humana, enquanto a mulher tem um papel passivo:

[...] os animais perfeitos têm a virtude geratriz ativa, no sexo masculino, e a passiva, no feminino. E como eles são capazes de alguma operação vital mais nobre que a geração, para cuja operação a vida se lhes ordena principalmente, por isso, o sexo masculino não se une com o feminino a todo o tempo, mas só no momento do sexo. E assim podemos pensar que, pelo sexo, constituem um só ser o macho e a fêmea, como na planta, a todo tempo, conjugam-se as virtudes masculina e feminina, embora em umas abunde mais uma dessas virtudes, e, noutras, a outra [S.Th. I, q. 92, a. 1, co].

Sendo assim, não é difícil fazer uma relação entre o *sêmen do homem* e a *sêmen da mulher*<sup>7</sup>, de modo que o homem dá *a realização do ser*, enquanto a mulher *recebe o ser na sua matéria* para a concepção do feto e continua administrando materialmente durante a gestação<sup>8</sup>. Tendo isso em mente, Tomás de Aquino defendeu que o pai cede a virtude do sêmen e a mulher cede a matéria para se ter o feto. Desse modo, o pai é o responsável pela concepção do feto na medida em que **imprime o movimento<sup>9</sup> dando início ao processo de geração**, cabendo à mulher administrar ou gestar o processo desencadeado pelo homem até o nascimento do feto pelo parto, como afirma Tomás: *“Nos animais perfeitos, gerados pelo coito, a virtude ativa está no sêmen do macho, conforme o Filósofo; e a fêmea ministra a matéria do feto”* [S.Th. I, q. 118, a. 1, ad. 3].

Uma vez supondo com Tomás de Aquino que o pai teria a virtude ativa, ele *daria o ser ao feto* e seria o responsável pela realização do que estava em potência na mãe, donde segue-se que *o pai é o responsável pelo sexo do feto* ou do bebê. Assim, a única razão de

<sup>6</sup> Usei “família natural” para diferenciar os casos de adoção, onde há uma grau maior de artificialidade.

<sup>7</sup> É interessante observar que Tomás de Aquino, seguindo Aristóteles, considera a existência de um “sêmen feminino”, o que poderia corresponder ao óvulo. S.Th.III, q. 31, a. 5, ad 1: “O sêmen da mulher não é capaz de geração, mas é um gênero imperfeito do sêmen, que não podia chegar à perfeição da natureza seminal, por causa da imperfeição da virtude feminina. Por isso, *um tal sêmen não é matéria necessária para a concepção*, como o ensina o Filósofo.” Tal sêmen feminino estaria no sangue menstrual, como está em S.Th.III, q. 31, a. 5, co.: “a mãe não somente deve ministrar a matéria, que é o *sangue menstrual*, mas também o sêmen, pois misturado com o sêmen masculino tem uma virtude ativa na geração”.

<sup>8</sup> S.Th. III, q. 31, a. 5, co: “a condição natural da geração animal. é que a fêmea ministre a matéria, sendo o macho o princípio ativo da geração, como o prova o filósofo.”

<sup>9</sup> Nesse ponto, para mais detalhes é interessante ver Aristóteles, *Teoria da Geração dos Animais*, 2010.

o pai ser o responsável pelo sexo do feto é a consideração de que ele tem o papel na geração do feto. Contudo, é importante observar que caso a mulher não esteja em potência para *receber o ser* que viria do homem, então não seria possível a concepção do feto. Assim, temos uma virtude ativa que vem do homem e uma virtude passiva que vem da mulher e ambas as virtudes são igualmente necessárias para a concepção do feto.

Neste ponto, é interessante observar que a Genética atual possui uma teoria semelhante para explicar a origem dos sexos masculino ou feminino entre os seres humano. Atualmente, pela Genética, sabemos que o espermatozoide do homem é o responsável pelo gameta “X” ou pelo gameta “Y” que diferencia os sexos. Assim, nas duplas “XX” (para mulher) e “XY” (para homem), o espermatozoide do homem é responsável pelo que está em negrito: enquanto o óvulo da mulher seria responsável pelo “X” (sem negrito) que complementa a dupla de gametas. Assim, de fato, até mesmo em termos atuais, podemos dizer que o homem (pai) é o responsável pela diferenciação dos sexos, mas também reconhecemos a importância da *recepção dessa diferença* por parte do óvulo da mulher (mãe), pois se não houvesse o “X” da mulher também não haveria a dupla de gametas. Assim, tanto o espermatozoide quanto o óvulo são igualmente necessários para a concepção do feto.

Contudo, há uma consideração a mais no pensamento antigo que irá diferenciar dos pensamentos atuais, pois homem não é apenas responsável pela diferenciação dos sexos, mas é também pela *realização do ser* do feto. É claro que essa realização não se daria sem a potência material da mulher, mas a mulher não tem papel ativo na realização, mas apenas passivo para receber a realização. Assim, a mãe não realiza a ação, mas recebe a realização. Ora, nós somente podemos transmitir adiante aquilo que já contemos em nossa natureza. Em outras palavras, nós somente podemos dar aquilo que temos. Assim, se o pai é o que dá a realização do ser do feto e o pai é do sexo masculino, então o feto deveria ser da mesma natureza que o pai, isto é, ser do sexo masculino. Isso pode ser transcrito pelo princípio que remonta a Empédocles<sup>10</sup> que Tomás de Aquino utiliza em várias partes do seu sistema e que reza o seguinte: “O semelhante gera o semelhante”. Assim, facilmente explicamos a origem do sexo masculino no feto.

Contudo, como poderíamos explicar a origem do sexo feminino no feto? Junto com Aristóteles, Tomás de Aquino defende que um ser humano nasce com o sexo feminino porque houve alguma falha ou defeito na potência geratriz masculina do pai. Em outras palavras, podemos dizer que *primariamente* temos um defeito da potência geratriz do homem que é pai. Assim, podemos dizer que se trata de um defeito do sêmen do homem que gera a mulher, de modo que o defeito estará propriamente no pai. O problema é que se “o semelhante gera o semelhante”, segue-se que “um defeito gera um defeito”. Assim, Aristóteles e Tomás de Aquino, dentre outros pensadores antigos, afirmavam que a mulher seria um defeito ou uma falha da natureza. Contudo, é importante observar que o

<sup>10</sup> Segundo John Burnet (2006): “Aristóteles nos diz [em De Gen. Corr. A, 8, 324b34,] que ele [Empédocles] explicou a simetria em geral pela “simetria dos poros”. Essa é a verdadeira explicação da “**atração do semelhante pelo semelhante**”. Os poros de corpos semelhantes têm, é claro, exatamente o mesmo tamanho e, portanto, podem misturar-se facilmente.”

defeito **biológico** se encontra **propriamente** na função geratriz do pai, isto é, no sêmen, mas **por extensão** se atribuiria também à mulher.

Assim se explicaria a origem dos sexos e se apresentaria o motivo de a mulher ser considerada um “defeito”, mas será que poderíamos encontrar uma compreensão diferente utilizando dos elementos tomistas? A resposta é “não”. Para compreender isso, podemos seguir a versão da Genética atual e fazer uma comparação com esse hilemorfismo medieval. Na Genética atual, o homem não possui apenas o gameta “Y”, mas ele é composto da dupla de gametas “XY”. Assim, poderíamos manter o princípio de que “o semelhante gera o semelhante” mesmo no caso da concepção feminina, uma vez que o “X” (dos gametas XY paternos) seria aquilo do homem (pai) que seria responsável pela geração feminina. Esse “X” do *pai* foi herdado da *mãe do pai*. Num esforço em vão, considerando a comparação com a genética atual, poderíamos considerar o seguinte no pensamento tomista: admitindo que é o pai que diferencia os sexos, poderíamos manter o princípio do “semelhante gera o semelhante” para os dois sexos porque há no pai tanto a “matéria feminina” (da avó, mãe do pai) quanto a “virtude masculina” (do avô, pai do pai).

Contudo, é nesse ponto que vemos claramente a **diferença entre a Embriologia antiga e a Genética atual**. No hilemorfismo clássico, a matéria por si não realiza nada porque ela é puramente potencial, sendo *sempre passiva* e qualquer atualidade que a matéria possua *sempre é recebida* da forma, ou no caso, do sêmen masculino. Assim, a matéria feminina (da mãe do pai) que está presente no pai não pode dar o ser e realizar a concepção de um feto feminino, pois é uma virtude passiva em potência e apenas uma *virtude em ato* dá o ser para qualquer coisa. Teríamos que admitir a **contradição** de que no homem (pai) há uma “virtude ativa masculina” e uma “virtude ativa feminina” para defender que o pai *atualiza naturalmente sem deficiência de sua potência geratriz* a concepção do feto feminino também. Trata-se de uma “contradição” pelo fato de o pai ser do sexo masculino e ter uma “virtude feminina” atualizada dentro de si.

Nesse sentido, a minha hipótese é a de que os antigos não tiveram escolha para sair dessa contradição como nós temos facilmente escolha pela Genética atual. Considerando que o Pai, como é do sexo masculino e somente pode ter uma “virtude masculina”, a única maneira de o pai realizar o ser de um feto feminino ocorre quando se admite que a “virtude ativa masculina do pai” **se degenerou** e se corrompeu em “*virtude ativa feminina do pai*” (perceba a contradição que está presente nesta expressão “feminina do pai”) e depois se uniu a “matéria passiva da mãe” compondo o feto feminino.

Portanto, dentro do arcabouço teórico que Tomás de Aquino tinha em mãos, não havia nenhum modo de se desviar da conclusão de que, na geração de uma mulher, houve um “defeito” ou “falha” na virtude geratriz masculina do pai, o que ocasionou uma conclusão estranha de que a mulher-filha seria um “defeito” ou “falha” da natureza. Tal “falha” ou “defeito” na potência geratriz masculina poderia ocorrer por algum acidente sofrido, por indisposição da matéria do pai ou até mesmo pela influência dos astros sobre a matéria no processo de geração, como Tomás de Aquino afirma na citação que está na introdução deste artigo.

### 3. Uma restauração da dignidade da mulher pela teologia tomista

Se a biologia aristotélica não ajuda muito para a dignidade da mulher, resta-nos apenas que ao menos a Teologia nos ajude. De fato, é a partir de um pensamento teológico que Tomás de Aquino restaura a dignidade das mulheres. A primeira e forte evidência para isso é a *continuidade* daquela citação que trata a fêmea como uma “falha” da natureza que colocamos na introdução. Muitos autores apresentam apenas aquele primeiro trecho, munidos de um preconceito contra Tomás de Aquino. Eis a continuidade da citação inicial presente na introdução.

Mas, por comparação com a natureza universal, a **fêmea não é um ser falho**, pois está destinada, por intenção da natureza, à obra da geração. Ora, a intenção da natureza universal depende de Deus, universal autor da mesma. Por isso, na instituição desta, produziu não só o macho mas também a fêmea (S.Th. I, q. 92, a. 1, ad 1).

Num contexto teológico, a mulher não é tratada como uma falha da natureza. Antes, nesse sentido, é a mulher que completa a perfeição da natureza pretendida por Deus que criou o Universo. Sem a mulher simplesmente não haveria geração e procriação, de modo que, num sentido universal, as mulheres **não são defeitos**. O que seria do mundo e do universo sem as mulheres? Observa-se a partir daqui que, apesar das dificuldades num nível biológico, Tomás de Aquino se esforça intelectualmente para defender a dignidade para as mulheres.

Outro ponto que também auxilia muito na defesa das mulheres é o próprio processo de geração humana. Durante a gestação, Tomás de Aquino defende que Deus interfere diretamente tanto nos fetos masculinos quanto nos femininos, *infundindo o intelecto* nestes fetos. Novamente, Deus aparece e Tomás de Aquino apresenta um pensamento teológico que demonstra um esforço no sentido de trazer uma relativa igualdade entre homens e mulheres. Contudo, antes de tratarmos a infusão do intelecto, vejamos como ocorre o processo de geração dentro do ventre materno:

[...] deve-se dizer que a alma preexiste no embrião, sendo, a princípio, nutritiva, depois, sensitiva e, por fim, intelectual. [...] sendo a geração de um ser a corrupção de outro, necessário é admitir que, tanto no homem como nos animais, advindo-se uma forma mais perfeita, corrompe-se a anterior de modo que a forma consequente tenha tudo o que tem a antecedente, e ainda mais (S. Th. I<sup>a</sup> q. 118 a. 2 ad 2).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup>“Et ideo dicendum est quod anima praeexistit in embryone a principio quidem nutritiva, postmodum autem sensitiva, et tandem intellectiva. [...] dicendum est quod, cum generatio unius semper sit corruptio alterius, necesse est dicere quod tam in homine quam in animalibus aliis, quando perfectior forma advenit, fit corruptio prioris, ita tamen quod sequens forma habet quod quid habebat prima, et adhuc amplius.”

No processo de geração de um animal ou de um ser humano ocorrem alguns estágios, onde as formas são corrompidas e geradas até chegar à última forma definitiva de um composto. O processo de geração e corrupção pressupõe que a forma é o que muda e a matéria comum é o que permanece. Assim, Tomás de Aquino não pode admitir que existam várias formas num mesmo indivíduo, por isso é necessário que quando uma nova forma vir-a-ser, esta nova forma corrompe a anterior, mas a nova contém tudo o que a anterior tinha e mais alguma potência acrescentada que a corrompida não tinha.

Nesse ponto, a “Árvore de Porfírio” poderia deixar mais claro como se desenrola o assunto. A “Árvore de Porfírio” consiste em admitirmos um gênero supremo (como um conjunto maximamente abrangente) a partir do qual fazemos diversas especificações passando por espécies intermediárias (conjunto menos abrangente que possui outros conjuntos dentro dele) no processo até chegarmos à *espécie ínfima* (conjunto que não possui conjunto dentro dele, mas apenas indivíduos). Assim, temos primeiramente o gênero supremo (1) “*Substância*”, o qual recebe uma determinação formal de “*Material*” que o especifica, e constituímos a definição “*Substância material*”, que é a espécie intermediária “*Corpo*”. Depois, passamos a considerar (2) “*corpo*” como gênero intermediário, e este recebe uma determinação formal de “*Animado*” que o especifica, e formamos a definição “*Corpo animado*”, que é a espécie “*Viventé*”, considerada ainda apenas com vida vegetativa. Logo em seguida, consideramos (3) “*Viventé*” como gênero, o qual recebe a determinação formal “*Sensitivo*”, e formamos a definição “*Vivente sensitivo*” que é a espécie “*Animal*”. E, por fim, considera-se (4) “*Animal*” como gênero, o qual recebe a determinação formal “*Racional*” e formamos a definição “*Animal racional*” que é a espécie (5) “*Homem*”, a espécie ínfima, pois não pode ser gênero e somente há indivíduos contidos nela. Observe-se que do gênero supremo até a espécie ínfima foram acrescentadas diferenças formais progressivamente.

Tendo a “Árvore de Porfírio” em vista com a numeração que coloquei, podemos tentar descrever a geração humana. Assim, primeiramente, temos (1) uma substância genericamente, onde tudo é uma substância, depois ocorre a atualização da matéria comum do pai pela potência geratriz deste mesmo pai, constituindo-se o (2) sêmen. Desse modo, o sêmen estará em ato, de modo a poder transmitir o ato de ser para a virtude passiva materna. A matéria comum do feto propriamente viria da mãe e a forma, que é realização deste feto humano, viria do pai, através do sêmen. Quando a virtude ativa do pai se encontra com a virtude passiva da mãe ocorreria a atualização da primeira forma deste (3) ser humano, enquanto feto. Uma vez ocorrida esta atualização, Tomás de Aquino continua dizendo que a alma, a princípio, é *nutritiva*, que não se tratam apenas do nutrir, mas também do *crescimento*. Assim, desde a concepção, o feto possui essas duas potências vitais que indicam que há vida humana: crescer e nutrir.

Contudo, no desenvolvimento deste ser dentro barriga da mãe, lhe advém uma nova forma, que é a sensitiva, e assim (4) ele começa a adquirir os sentidos. A forma vegetativa se corrompe e, como a matéria comum do ser humano não existe por si, mas apenas pela forma, é necessário admitir que a forma sensitiva lhe advenha imediatamente, de modo

que a matéria passa a ser realizada pela nova forma sensitiva e não mais pela vegetativa. Essa nova forma sensitiva possui tudo o que tinha a anterior, acrescido dos sentidos. Desse modo, aqui podemos observar que a matéria comum do pai e da mãe vai estender-se até esse âmbito sensitivo, considerando que as sensações dependem de um órgão corpóreo para acontecer. Assim, podemos afirmar que as sensações ainda estão num âmbito meramente material, de modo que qualquer animal também as possui.

Neste sentido, o pai humano gera o filho, mas deve-se saber até onde se estende essa potência geratriz masculina do pai. Avirtude geratriz dos pais, uma vez que se utiliza de algo material (o sêmen), se estende no máximo até ao que é material nos filhos, a saber: o que se utiliza da matéria em suas funções, ou seja, as potências vegetativas e sensitivas. Desse modo, pode-se dizer que a geração por parte dos pais *estenderá a sua ação até algum ponto se e somente se houver algo de comum neste ponto*. O sêmen, sendo material, é o princípio da geração humana, porém o intelecto é incorpóreo e imaterial, na doutrina tomista<sup>12</sup>. Assim, o intelecto não é gerado pelo sêmen ou pelos nossos pais.

É impossível para a virtude ativa, existente na matéria, estender a sua ação até a produção de um efeito imaterial. Ora, é manifesto que o princípio intelectual do homem, transcende a matéria, pois, tem uma operação **sem nada de comum** com o corpo. E portanto, é impossível que a virtude do sêmen produza esse princípio.<sup>13</sup>

O Aquinate, então, prossegue com a conclusão de Aristóteles: “*Conclui-se que o intelecto só pode vir de fora*” (S.Th.I, q.118, a.2, co). Aristóteles não é claro sobre o que pretende ao dizer isso, mas essa expressão “*vir de fora*” é entendido por Tomás de Aquino como sendo “de fora do âmbito do processo material”. O processo de “*geração*” supõe uma matéria pré-existente que foi atualizada ou moldada pelo ser da forma, de modo que, uma vez sendo imaterial, o intelecto não poderia vir por geração. Desse modo, uma vez que o intelecto não é material, o **intelecto humano** teria seu *vir a ser a partir do nada*, ou seja, teria sido **criado**. Nesse sentido, levando em conta que o pensamento tomista defende que a criação somente é advinda de Deus, segue-se que o [5]<sup>14</sup> intelecto humano é **criado** por Deus num determinado momento da geração humana<sup>15</sup>. Perceba-se que Deus aqui é invocado para explicar uma relação causal de vir-a-ser do intelecto. Assim, ele conclui: “*Por onde se deve dizer que a alma intelectual é criada por Deus, no último termo da geração humana, e é simultaneamente sensitiva e nutritiva, uma vez corruptas as formas preexistentes.*” (S.Th.I, q.118, a.2, ad2).

Tomás de Aquino chega a defender que essa criação e infusão do intelecto por parte de Deus, individualmente e em cada ser humano ocorrem aproximadamente no quadragésimo dia de gestação. É muito interessante essa compreensão de Deus que age individual e diretamente em cada ser humano, seja homem ou mulher, porque mostra um

<sup>12</sup> Cf. S.C.G., Lib.II, c.50 et c.51.

<sup>13</sup> Cf. S.Th.I, q.118, a.2, co.

<sup>14</sup> Considerando a numeração da Árvore de Porfírio colocada anteriormente.

<sup>15</sup> “E como se trata de uma substância imaterial, não pode ser causada por **geração**, senão só por **criação** de Deus.” (S.Th.I, q.118, a.2, co)

cuidado especial de Deus para com o ser humano. Assim, podemos dizer que o pai humano é o responsável pela realização da materialidade humana, mas o Pai Divino é responsável pela realização da imaterialidade do intelecto. É importante colocar que, segundo o tomismo, isso acontece com todos os seres humanos, independentemente de ser ateu ou não, de ser batizado ou não, ter pai fornicador ou não<sup>16</sup>, uma vez que se trataria de um processo que ocorre *necessariamente* na geração humana. Sem isso não se explicaria a origem do intelecto humano, que é imaterial.

Diante disso, na medida em que temos um intelecto, nós humanos (homens e mulheres) podemos ser ditos *imagem* e *semelhança* de Deus. Não é difícil compreender que apenas Deus poderia dar o vir-a-ser para o nosso intelecto, pois somente é possível transmitir aquilo que já possuímos. Ora, sêmen material paterno não poderia transmitir a imaterialidade que o intelecto tem. Apenas um ser “imaterial” e “intelectual” poderia transmitir essas propriedades adiante. Mais do que isso, apenas um ser poderia “criar”, dando um vir-a-ser do nada. Assim, é somente na medida em que Deus é um ser intelectual<sup>17</sup> que Ele pode transmitir a intelectualidade adiante. Neste ponto, vemos uma *semelhança* clara entre Deus e os seres humanos, pois ambos são intelectuais. Além disso, na medida em que uma *imagem* é algo que não é outro, mas que sempre advém a partir de outro, também somos *imagem* de Deus. Assim afirma Tomás de Aquino:

Tanto no **homem** como na **mulher** está a imagem de Deus quanto àquilo que principalmente consiste a essência da imagem, a saber: a **natureza intelectual**. Por onde, depois de a Escritura ter dito “*Deus o criou a sua imagem*”, isto é, o homem, ainda acrescenta: “*macho e fêmea os criou*” (Gen. 1, 27).

Portanto, vemos claramente que ambos os sexos possuem neles aquilo que nos define como imagem e semelhança de Deus. Não somente o homem é a imagem e semelhança de Deus, mas também a mulher. Nesse ponto, poderíamos acrescentar que muitos **dons** vêm de Deus e dependem diretamente d’Ele, cabendo a cada indivíduo estar aberto ou não à Graça Divina. Os homens podem estar abertos à graça divina, mas também a história mostra como ocorreram grandes mulheres santas católicas e até profetizas do Antigo Testamento ao longo da História. Por fim, observa-se como a Teologia auxilia na igualdade entre os sexos, pois *o que vem de Deus tem prioridade sobre as nossas limitações físicas*.

#### 4. O problema da sujeição da mulher ao homem

Neste ponto, surge o problema da sujeição da mulher ao homem. Na continuidade do mesmo texto citado acima, Tomás de Aquino reforça uma ideia de que a mulher deve

<sup>16</sup> Cf. S.Th.I, q.118, a.2, ad 5. Na ação dos adúlteros, com o que é da natureza, e portanto bom, Deus coopera. Com o que porém é proveniente da volúpia desordenada, e portanto mau, Deus não coopera.

<sup>17</sup> A demonstração de que “Deus é Intelectual” ocorre pela quinta das cinco vias de Tomás de Aquino, como as quais ele pretendia provar a existência de Deus. Nessa quinta via, grosso modo, pela ordem do universo que experimentamos, provamos que deve haver uma Inteligência Ordenadora por trás.



estar sujeita ao homem, assim como a natureza está sujeita a Deus. De fato, assim ele se expressa:

Num ponto de vista **secundário**, a imagem de Deus está no homem de um modo pelo qual não está na mulher, pois aquele é o princípio e o fim desta, assim como Deus é o princípio e o fim de toda a criatura. Por onde, depois de ter dito a Escritura que “*o homem é imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem*”, mostra-se porque tal se disse ao acrescentar “*Porque não foi feito o homem da mulher, mas a mulher do homem; e não foi criado o homem por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem*” (I Cor. 11, 7-9).

Este modo de compreender a expressão “imagem de Deus” favorece bastante um pensamento Patriarcal, mas Tomás de Aquino coloca esta posição “num ponto de vista **secundário**”. Desse modo, podemos dizer que, apesar de a *Teologia Natural*<sup>18</sup> favorecer uma igualdade em dignidade entre homem e mulheres, a *Teologia Revelada*<sup>19</sup> parece que pode trazer uma desigualdade. Caso suponhamos a veracidade histórica do Gênesis sobre a origem da espécie humana, segue-se que a mulher *veio do homem* (da costela dele) como uma **causa eficiente**, e foi ela criada para ele não se sentir só e para se unir a ele, como uma **causa final** dele. Assim, o homem seria o princípio e o fim da mulher, assim como Deus é o princípio (causa eficiente) e o fim (causa final) de todas as coisas. Desse ponto de vista **secundário**, o homem seria mais semelhante a Deus do que a mulher. Assim, Tomás de Aquino diz que “*há uns atos próprios ao homem e outros, à mulher, sendo aquele a cabeça desta, por onde convenientemente, a mulher foi formada do homem, como do seu princípio*” (S.Th.I, q. 92, a. 2, co ).

Entretanto, observe que a mulher veio *materialmente* do homem (a “costela” como parte material), daí o fato de ser **secundário**, considerando que primariamente está o espírito humano, isto é, o intelecto, que apenas recebe influências indiretas do âmbito corpóreo. Em outras palavras, mesmo na Teologia Revelada, temos que apenas num aspecto material e corporal haveria uma inferioridade da mulher em relação ao homem, de modo que o que está em jogo e estaria prejudicando a mulher é novamente o caráter biológico e físico. Podemos dizer que assim como o corpo do homem foi feito do barro, mas Deus soprou sobre ele o sopro da vida (isto é, criou o intelecto e o infundiu), do mesmo modo a mulher foi feita da costela do homem, que é materialmente barro, e Deus também soprou sobre ela o sopro da vida (isto é, criou o intelecto e o infundiu). Assim,

<sup>18</sup>Por “Teologia Natural” compreende-se o estudo de Deus **apenas** a partir da natureza ao redor. Ou seja, tomando os efeitos observáveis na natureza e utilizando-se **apenas** da razão, poderíamos retirar algumas conclusões a respeito de Deus e sua relação com as criaturas. Podemos identificar facilmente identificar uma teologia natural **quando não é necessário nenhuma referência à autoridade da Bíblia**, como foi feito nos raciocínios biológicos e “embriológico-teológicos” que desenvolvemos. Este modo de fazer Teologia parece ser mais favorável às mulheres.

<sup>19</sup>Por “Teologia Revelada” compreende-se o estudo de Deus a partir de interpretações das Sagradas Escrituras. Ou seja, os textos bíblicos são tratados **como se fossem documentos históricos** que descrevem eventos no passado onde teria havia uma Revelação de Deus para os homens. De fato, o modo como era desenvolvida a Teologia Revelada é semelhante ao modo como se desenvolve a História na atualidade, isto é, a partir de fontes documentais que seriam uma autoridade digna de credibilidade. Por ter ligação com a historicidade, essa Teologia possui características fortemente patriarcais, mas veremos que Tomás de Aquino ameniza muito isso a partir de Aristóteles.

Tomás de Aquino defenderá que não há distinções entre os sexos num nível espiritual (intelectual):

Portanto, deve-se admitir que a Escritura, depois de ter dito “*Criou Deus o homem á sua imagem*”, acrescentou “*macho e fêmea os criou*” (Gen. 1, 27) não considerando a imagem de Deus quanto a distinção dos sexos, mas porque essa imagem é comum a ambos os sexos, por estar na mente, onde não há distinção de sexos. Por isso o Apóstolo [em Colos. 3, 10] Escritura, depois de ter dito “*segundo a imagem daquele que o criou*”, acrescenta “*não há macho nem fêmea*” [Galat. 3, 28].

Além disso, é possível interpretar erroneamente o pensamento de Tomás de Aquino no sentido de dizer que a primeira fala de Adão para Eva seria um sinal de igualdade num nível material quando ele disse para ela “*Ossos dos meus ossos, carne da minha carne*”. De fato, Tomás de Aquino até chega ao ponto de dizer que a mulher foi feito a partir do homem “*para que o homem amasse mais a mulher e mais inseparavelmente se lhe unisse, quando soubesse que de si mesmo foi ela produzida*” (S.Th.I, q. 92, a. 2, co). Contudo, é difícil que Tomás de Aquino defenda uma igualdade num nível material e biológico, considerando o que já foi dito neste nosso artigo. Assim, há outra informação nesse texto: a frase “*ossos dos meus ossos, carne de minha carne*” trata-se de uma referência ao que é **material** no homem e na mulher, de modo que, supondo a narrativa bíblica<sup>20</sup>, teríamos que a *materialidade da mulher* teria vindo da *materialidade do homem*, donde que o homem é o princípio material da mulher. Caso consideremos apenas essas razões fracas em termos de argumento de autoridade, segue-se o **inconveniente** num nível social da família: o homem deveria dar ordem de ação numa família, enquanto a mulher apenas recebe a ordem. Contudo, veremos nos textos a seguir que não se trata de uma relação entre senhor (homem) e serva (mulher), onde a mulher deve acatar todas as ordens do marido, mas **há condições** para a liderança masculina.

Nesse ponto, é interessante acrescentar que o matrimônio não é considerado como algo meramente cultural, isto é, construído, inventado ou acordado socialmente, mas antes há uma tendência natural para isso, donde *o matrimônio ser natural* para o ser humano, segundo Tomás de Aquino. A sua argumentação parte da análise da vida animal, donde conclui que o homem e a mulher possuem mais necessidade de estarem juntos do que os outros animais, tendo em vista a necessidade de geração e educação com instrução intelectual da prole. Sendo assim, Tomás de Aquino passa a mensagem óbvia de que um “pai completo” e uma “mãe completa” não são somente aqueles que geram, mas também aqueles que educam e ensinam a viver. Ora, essa educação deve ocorrer na família e num matrimônio ininterrupto, porque quanto mais estiverem presentes o pai e a mãe, melhor será a educação dos filhos. Vejamos o que Tomás de Aquino fala sobre isso:

---

<sup>20</sup> Observe que essa explicação da *materialidade masculina ou feminina* começa com Teologia Revelada, pois está **primariamente pautado** na autoridade do trecho bíblico. Contudo, para reforçar isso, basta acrescentar as reflexões limitadas e equivocadas da Embriologia Antiga que comentamos antes sobre o “papel ativo do homem” e “passivo da mulher”.

Seria vã a geração de um homem se ela não fosse acompanhada da nutrição, porque o homem gerado não sobreviveria se lhe fosse retirado o alimento de que precisa para viver. [S.C.G. III, cap. 122, § 4] [Contudo] [...] este argumento não anula a possibilidade de a mulher sozinha **alimentar o filho**, sendo ela muito rica, porque a retidão natural dos atos humanos não se pauta por aquilo que acontece **acidentalmente** em um indivíduo, mas por aquilo que atinge toda a espécie. [S.C.G. III, cap. 122, § 7] Deve-se também considerar que, na espécie humana, a prole não necessita somente da nutrição corporal, como acontece nos outros animais, mas também de **instrução espiritual**. Com efeito, os demais animais recebem da natureza a orientação pela qual podem cuidar de si. O homem, porém, vive segundo a razão e só se põe sob sua orientação após longo tempo de experiência. Por isso, é necessário que os filhos sejam orientados pelos pais que já tiveram experiência. Além disso, os filhos não são capazes de receber instrução logo após o nascimento, mas só após longo tempo, quando atingem o uso da razão, e também essa instrução exige longo tempo. Ainda mais, por causa dos impulsos passionais que corrompem o juízo da prudência, necessitam eles não só de instrução, mas também de **repreensão**. Para isto, a mulher sozinha não é suficiente, mas necessita da **colaboração do marido**, no qual há **mais sabedoria para instruir** e **maior força para castigar**. [...] Por esta razão chamamos esta sociedade de matrimônio. Logo, o **matrimônio é natural ao homem**, e este coito fornicário realizado fora dele é contra o bem do homem, razão porque deve ser pecado. [S.C.G. III, cap. 122, § 8]

Assim, com esse texto, Tomás defende que a mulher sozinha até poderia educar os filhos *no caso de ter condições para isso*, mas isso se trata de um acidente na natureza e deve ser considerado como um caso particular ou uma exceção. Contudo, falando em termos gerais da *natureza da espécie humana*, a mulher não deveria estar sozinha, de modo que Tomás reforça isso lembrando que deve haver uma “colaboração do marido” porque ele teria “maior força para castigar”, o que favorece uma melhor repreensão, principalmente em filhos mais velhos, e também teria “mais sabedoria para instruir”, provavelmente, no sentido de que o homem teria maior facilidade para o raciocínio lógico, como veremos. Neste ponto, *coloca-se uma responsabilidade (um “peso”) sobre os homens*, os quais muitas vezes desejam ter relações sexuais de modo imaturo sem se preocupar com a mulher e com os filhos que daí surgirem. Evidencia-se esse “peso” na medida em que muitos homens preferem não se casar, levando em consideração a responsabilidade que está por trás. No fim da citação acima, há a clara referência do matrimônio como natural ao homem, donde se considera uma família natural.

Para começar a compreendermos essa questão, podemos pensar numa comparação do ideal tradicional em que *o homem comanda a família* assim como *o espírito domina os instintos*. De fato, na Psicologia Antiga de Platão, Aristóteles e na Psicologia Medieval de Agostinho e Tomás de Aquino, o intelecto sempre deve dominar os instintos da carne. Quando o intelecto sempre está a frente nos atos de um ser humano, dizemos que esse ser humano “tem autocontrole” ou que ele “é casto”. A busca da virtude que move os antigos e medievais trata-se de uma busca de uma harmonia entre as partes do corpo e da alma que compõem o ser humano e tal harmonia somente pode ocorrer quando o intelecto está no controle, pois apenas o intelecto pode mensurar as atitudes e evitar os excessos na busca da *justa medida*. As partes instintivas do desejo ou da ira não possuem

limites por si mesmos, sempre tendendo a levar o ser humano a excessos exagerados, de modo que caso estejam no comando podem destruir o ser humano.

Do mesmo modo, pergunta-se: quem você colocaria para liderar um grupo de pessoas? Uma pessoa que possui uma instabilidade emocional ou alguém que possui estabilidade e autocontrole? Lembrando que a família é um grupo social composto de pai, mãe e filhos, quem você colocaria que deve liderar o grupo?

Como já foi dito, o corpo humano é aquilo que diferencia o homem da mulher, enquanto o intelecto é aquilo nos iguala. Contudo, há um problema aqui porque, segundo o pensamento aristotélico-tomista, o intelecto está unido ao corpo, de modo que recebe influências desse corpo. Assim, quanto mais forte for a influência do corpo sobre o intelecto, menos controle o intelecto terá e será dominado pela influência do corpo. Pensando em outros termos, podemos dizer que Deus **lança gratuita e igualmente para todos**<sup>21</sup> a infusão, conservação e iluminação do intelecto humano, seja masculino ou feminino, mas as **condições de recepção** do que é lançado por Deus pode ser diferente.

Assim, não é difícil imaginar que as diferenças biológicas e materiais irão pesar fortemente quando se trata de atribuir as responsabilidades sociais. Imagine uma época em que não se tinha conhecimento suficiente<sup>22</sup> sobre a TPM feminina, mas os filósofos olhavam para as mulheres e viam os sintomas tais como irritabilidade, tristeza, ansiedade, insônia, dor de cabeça, cansaço, muito ou pouca fome, dentre outros. Deixando bem claro que, apesar de seres sintomas comuns entre os sexos, é evidente que se via isso com uma constância muito maior nas mulheres do que nos homens. O que você, como um pensador na antiguidade, poderia pensar sobre as mulheres? Provavelmente, você pensaria que elas estão prestes a explodir ou, no mínimo, que elas possuem uma materialidade mais limitada que o homem.

Assim, é plausível atribuir a responsabilidade de liderança da família ao homem, que é o pai. Observe que estou colocando “atribuir a responsabilidade” como um peso que se deve suportar. Muitos entendem a liderança como sendo uma posição privilegiada, na qual todos obedecem ao líder e este fica apenas recebendo do bom e do agradável. Contra isso, deve-se dizer que liderança não é algo que se exerça sem responsabilidade em relação aos liderados. O bem-estar dos liderados está nas mãos do líder. Assim, quem estaria num estado mais agradável seriam os liderados por não precisar se preocupar com os outros.

---

<sup>21</sup> Trata-se da Doutrina da Graça que vem desde Santo Agostinho e foi assimilada por Tomás de Aquino [S.Th. I-II, q. 109-114].

<sup>22</sup> A expressão “premenstrual stress syndrome” (conhecida como “tensão pré-menstrual” no Brasil) foi cunhada por Katharina Dalton e R. Greene (1953), sendo estudada desde então. Curiosamente um pensador franciscano, contemporâneo de Tomás, chamado **Adam de Buckfield, defende que a abundância do fervor sanguíneo no tempo da menstruação perturbava a disposição das mulheres**[...quia pleni sunt venarum, in quibus abundat fervor sanguineus in tempore menstrui, qui turbat dispositionem mulieris..., BUCKFIELD, *In De somniis*, lectio 3]. Assim, provavelmente, Tomás de Aquino pode ter feito alguma associação entre o temperamento das mulheres e a menstruação, mas isso dependeria de mais estudos para se falar com certeza. O fato é o temperamento das mulheres afetava a concentração intelectual, donde Tomás defender que a mulher não deve ser líder da família, e a falta de conhecimento sobre os sintomas da TPM pode ter levado a conclusão de que o temperamento das mulheres não tem solução, de modo que não seria possível o autocontrole.

Colocar uma responsabilidade dessas para a mulher seria um fardo a mais que ela deveria suportar, de modo que não atribuir liderança à mulher pode ser tratado como uma cortesia.

Além disso, é importante dizer que quando uma mulher se submete ao marido *ela não está se submetendo do mesmo modo como uma sujeição de um servo ou escravo*, como se a mulher fosse algo abaixo do homem, devendo satisfazer a todos os seus caprichos. É evidente que Tomás de Aquino não defende que a mulher deve ser uma empregada ou serviçal do marido. A submissão da mulher ao marido é apenas para a organização harmônica do grupo, que é a família. Com a liderança, o marido jamais deve tratar mal a esposa, mas antes deve sempre visar o bem-estar dela em todas as circunstâncias. Eis um texto de Tomás de Aquino que resume bem os motivos da liderança masculina e da sujeição que **não é servil**, mas apenas para organização do grupo familiar:

Há **dupla sujeição**. Uma **servil**, pela qual o superior usa do súdito, em sua utilidade, e essa sujeição foi introduzida depois do pecado [original]. Outra é a **sujeição econômica ou civil**, pela qual o chefe usa dos súditos **para o bem destes**: e tal sujeição já existia antes do pecado [original]. Pois faltaria o bem da ordem, na sociedade humana, se uns não fossem governados por outros, mais sábios. E assim, por essa sujeição, é que a mulher é naturalmente dependente do homem; porque este tem naturalmente maior descrição racional [S.Th. I, q,92, a.1, ad 2].

De fato, os textos bíblicos que afirmam a sujeição da mulher ao homem sempre causam um desgosto na mulher e nas feministas, enquanto os homens pulam de alegria. Contudo, o erro que acontece é que os homens e as mulheres pensam que se trata de uma *sujeição servil*, mas isso jamais deveria acontecer. Tomás de Aquino interpreta que o Gênese afirma que a mulher foi retirada da “costela do homem”, isto é, uma parte do meio do corpo, para passar o significado deque a mulher não deve ser tratada como superior e nem como inferior ao homem. Nesse ponto, vale a pena repetir a citação já referida na introdução:

Era conveniente que a mulher fosse formada da costela do homem. — Primeiro, para significar que deve haver união entre o homem e a mulher. Pois, nem esta deve dominar aquele e, por isso, não foi formada da cabeça; nem deve ser desprezada pelo homem, numa como sujeição servil, e por isso não foi formada dos pés [S.Th. I, q. 92, a. 3, co].

Desse modo, o sentido que Tomás de Aquino dá para estes textos bíblicos deveria provocar o contrário nas pessoas. Numa *sujeição servil* há diversos abusos que o superior realiza para satisfazer suas necessidades, de modo que apenas se utiliza dos súditos de modo egoísta. Contudo, os abusos não ocorrem numa *sujeição econômica*, isto é, na administração da casa ou família [“eco” vem do grego οἶκος, “casa”, “nomia” vem do grego νέμω, “lei” ou “administrar”, daí ser uma sujeição apenas “econômica”] ou numa *sujeição civil*, isto é, na administração de uma cidade [em latim “*civitas*”]. Assim, o pai, como líder de uma casa, família ou “sociedade doméstica”, **não deveria ser egoísta visando o próprio bem**, mas antes ele deve sempre **visar o bem dos seus liderados**. Se um marido

fosse “homem de verdade” e carregasse essa responsabilidade do bem-estar da família, a mulher que se submeta a este marido nessas circunstâncias não teria o que reclamar. Assim, ao comentar a Política de Aristóteles, Tomás de Aquino afirma que:

De fato, o homem é princípio da mulher e o pai é do filho, porém não como servos, mas como livres, de modo que esses dois principados são diferentes de um **principado despótico**. Além disso, segundo o ser, aqueles dois principados não são do mesmo modo. Por um lado, o homem é princípio da mulher **por principado político**, assim como alguém que é eleito preside como líder (*rectorem*) da cidade, por outro lado, o pai preside ao filho por principado de rei. Deste modo, o pai tem plenos poderes sobre os filhos, assim como o rei num reino, mas **o homem não tem plenos poderes sobre a esposa quanto a tudo**, mas segundo o que exige a lei do matrimônio, assim como o líder (*rector*) de uma cidade tem poderes sobre os cidadãos segundo um estatuto (*Sententia Politic.*, lib. I, l. 10, n. 2).<sup>23</sup>

Primeiramente, esse texto da política reforça que a mulher é tratada como livre e jamais com serva ou escrava. Segundo Tomás de Aquino (que segue Aristóteles), os bárbaros<sup>24</sup> são os que tratam a mulher como serva. Em algumas traduções do texto de Aristóteles<sup>25</sup> que está sendo comentado por Tomás de Aquino, Aristóteles afirma que a mulher deve ser tratada de modo “democrático”, enquanto os filhos de modo “monárquico”. Seguindo a mesma linha, Tomás de Aquino afirma que há apenas um principado político, onde há uma eleição. Se supusermos que a mulher elege o seu esposo, haveria um poder de escolha e liberdade, que são, de fato, necessários para que um matrimônio seja legítimo. Entretanto, é isso que ocorre e ocorreu nas práticas sociais? Nós sabemos muito bem que não. Quando se dá muito poder a apenas um indivíduo, há uma tendência muito forte de que ele abuse desse poder. Assim, criou-se uma imagem muito pejorativa da mulher como “submissa” de numa “cultura patriarcal”. Sabemos que não foram poucos os casamentos arranjados ou forçados que aconteceram na história,

---

<sup>23</sup>Tradução nossa. “[...] Virenim principatmulieri, et pater filiis, non quidem sicut servis, sed sicut liberis: in quo differunt hi duo principatus a principatudespotic. Secundum est, quod hi duo principatus non sunt uniusmodi; sed vir principatmulieri politico principatu, id est sicut aliquis qui eligitur in rectorem civitatis praeest: sed pater praeest filiis regaliprincipatu; et hoc ideo, quia pater habet plenariam potestatem super filios, sicut et rex in regno: sed vir non habet plenariam potestatem super uxorem quantum ad omnia, sed secundum quod exigit lex matrimonii; sicut et rector civitatis habet potestatem super ci vessecun dum statuta.”

<sup>24</sup> *Sententia Politic.*, lib. I, l. 1, n. 14 et 15: “Dicit ergo primo, quod apud barbaros femina et servus habentur quasi eiusdem ordinis; utuntur enim feminis quasi servis. Potest autem hic esse dubium qui dicantur barbari. [...] Unde barbaries convenienter hoc signo declaratur, quod homines vel non utuntur legibus vel irrationabilibus utuntur: et similiter quod apud aliquas gentes non sint exercitia literarum.”

<sup>25</sup>ARISTÓTELES, 1985, 1259b. “[...] faz parte da economia doméstica o comando da mulher e dos filhos pelo chefe da família (dela ou deles como criaturas livres, embora não com a mesma forma de comando, mas o da mulher de maneira democrática e o dos filhos monarquicamente); com efeito, o macho é naturalmente mais apto para o comando do que a fêmea (exceto em alguns casos em que a sua união se constitui contra a natureza) e o mais idoso e plenamente desenvolvido é mais apto que os mais jovens e imaturos. É verdade que na maioria dos casos de governos democráticos o governante e o governado se alternam (eles tendem a estar num nível igual em sua natureza e a não ter qualquer diferença), embora apesar de isto no tempo em que um é o governante e o outro o governado eles se esforçam para se distinguir através de formalismos, títulos e honrarias [...]. O macho, todavia, sempre se relaciona com a fêmea da maneira mencionada.”

mas esses casos envolvem evidente **abuso** da visão tradicional, não podendo ser identificados como sendo de tal visão. É importante colocar que toda noção pejorativa de “submissão feminina” ocorreu ao longo dos tempos por **falha humana**, seja na interpretação dos textos bíblicos, seja na prática mesmo com as relações de poder. A compreensão de “*submissão feminina*” que está presente na Bíblia, bem como nos textos de alguns intelectuais antigos e medievais, **não está sendo aplicada corretamente**. Desse modo, não se pode atribuir à Bíblia ou a Tomás de Aquino o que ele não defendeu.

O único motivo de um homem ser colocado como líder é pelo fato de ele possuir maior racionalidade, o que se evidencia até mesmo hoje com a tendência de o homem **gostar** de raciocínios lógico-matemáticos, lembrando que apenas estes raciocínios eram tratados como “intelectuais” e como “racionais”<sup>26</sup>. Perceba bem: não estou dizendo que as mulheres não são capazes de ter raciocínios desse tipo, nem Tomás de Aquino pensaria assim. Na verdade, admito que muitas mulheres possuem raciocínios matemáticos melhores que os meus. Apenas digo que os homens costumam *gostar* mais disso, de modo que parece que eles se sentem *mais a vontade* como se estivessem brincando ou jogando, como um passatempo. Vendo alguns raciocínios matemáticos, algumas descobertas matemáticas parecem ter vindo através de brincadeiras desse tipo.

A **liderança** exige **destreza intelectual** e a razão disso é que o líder precisa construir constantemente estratégias para melhor organizar o grupo. Em suma, a família é um grupo. Todo grupo precisa de um líder. O líder deve ter maior destreza intelectual e racional, junto com o autocontrole. O homem demonstra ter mais essas características na prática. Portanto, o pai deveria ser o líder. Sendo assim, é importante dizer que não Tomás não busca humilhar ou rebaixar as mulheres com intenção ruim ou de má fé, mas antes o santo doutor estava tentando defender uma organização social. Neste ponto, **é importante enfatizar** que a intenção de Aristóteles no início da *Política* (1985) e de Tomás de Aquino (que o segue) **não é buscar o bem do indivíduo** homem (que é pai de família), mas sim **buscar do bem do grupo** doméstico, que é a família. O todo de um grupo tem prioridade sobre as partes individuais, mas não devemos esquecer as diferenças individuais<sup>27</sup>. Desse modo, a intenção não era favorecer o “indivíduo homem” em detrimento do “indivíduo mulher”, mas sim buscar o que seria melhor para o *grupo familiar inteiro*, donde defendem que o homem seria um melhor líder **por causa unicamente** da maior racionalidade masculina. Lembre-se do “rei filósofo” de Platão<sup>28</sup>, onde o líder da cidade deveria ser o filósofo porque ele teria mais racionalidade.

Até aqui, falamos do que ocorre dentro da casa, mas o ocorre fora de casa? Dentro de casa, a mulher deveria ter um grau de expressão razoável mantendo uma relação democrática, mas fora de casa a expressão será nula. Dentro da família, há uma situação

<sup>26</sup>Atualmente, há a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1994), onde a lógico-matemática seria apenas uma das 7 ou 9 inteligências. É interessante observar que, mesmo atualmente, os homens ainda tendem a ser melhores que as mulheres, nessa inteligência lógico-matemática.

<sup>27</sup>Há um interessante artigo sobre esse tema de César Augusto Ramos (2014), presente nas referências bibliográficas.

<sup>28</sup> PLATÃO. *A República*, Livro VII, 2006.

razoável e até compreensível, mas fora da família, a posição da mulher possui pouca razoabilidade no pensamento de Tomás de Aquino, considerando o alto risco de abusos. Isso é observável quando este trata do tema do “silêncio das mulheres nas assembleias”, onde a mulher *teria igual recebimento da revelação* por parte de Deus, mas a ela *não seria permitida se manifestar publicamente* na assembleia sobre a manifestação que havia recebido, mas apenas *poderia se manifestar em particular*<sup>29</sup>, principalmente dentro da família ou para pessoas próximas. Isso é compreensivo dentro da concepção católica e dentro da Igreja, pois os bispos seriam da sucessão apostólica e são prescrições da religião que os bispos sejam homens assim como os apóstolos o foram. Contudo, Tomás de Aquino expande para além da Igreja e para vida política também esse raciocínio. Isso trará consequências para a **participação política da mulher** na cidade, que será sempre *por intermédio de um homem*. Desse modo, podemos dizer que a mulher *tinha uma participação política indireta* através de um homem, tendo uma função de “conselheira”, cabendo ao homem aceitar ou não o conselho. O motivo para essa participação indireta novamente é a suposta menor racionalidade feminina, que seria “perigosa” diante da responsabilidade sobre uma cidade, com tantas vidas em jogo. Ou seja, a intenção era a de que a mulher, com a sua razão mais eficiente, *filtrasse com maior garantia* o que era proposto pelas mulheres, de modo a passar por uma revisão para depois ir a público.

Apesar de a **intenção** de Tomás ou Aristóteles ser relativamente compreensível, não dá para concordarmos com isso principalmente porque a mulher jamais iria ocupar cargos de chefia<sup>30</sup> na política (a não ser que seja *através dos maridos*), o que implicaria num menor atendimento das necessidades das mulheres, uma vez que elas sabem melhor de suas necessidades. De fato, Tomás de Aquino indica em seus textos que aquilo que ocorre na família deve *acontecer* na sociedade também, de modo que se a mulher não assume liderança na família, também não assumiria na sociedade. De nossa parte, **contra Tomás**, consideramos que não há *necessidade* disso, uma vez que **dentro** e **fora** da família ocorrem duas situações diferentes. Lembre-se que dentro da família, *em teoria*, as mulheres [1] *escolhem* seus maridos e mantêm uma relação [2] *mais íntima* com eles, tornando mais fácil um acordo ou diálogo. Assim, mesmo com a hierarquia intrafamiliar, ainda a mulher tem espaço. Contudo, se estendermos a estrutura intrafamiliar para a sociedade como um todo, atribuindo submissão da mulher também na Política, seria muito otimismo nosso

---

<sup>29</sup>Super I Cor. [reportatio vulgata], cap. 14, l. 7: “[...] Deve-se dizer que na profecia há duas coisas, a saber: revelação e manifestação da revelação. A revelação não exclui as mulheres, pois muitas coisas são reveladas a elas assim como aos homens. Contudo, a manifestação é dupla: uma é pública, e desta são excluídas; a outra, privada, e desta se lhes permite, por não ser pregação, mas sim anúncio. [...]” [Tradução nossa] Texto latino: “Dicendum quod in prophetia sunt duo, scilicet revelatio et manifestatio revelationis, sed a revelatione non excluduntur mulieres sed multa revelantur eis sicut et viris. Sed Annuntiatio est duplex. Una publica, et ab hac excluduntur; alia est privata, et haec permittitur eis, quia non est praedicatio, sed Annuntiatio.”

<sup>30</sup>Super I Cor. [reportatio vulgata], cap. 14, l. 7. “A razão de que sejam submissas e de que não presidam é porque elas não são eficientes na razão, pois a razão é maximamente necessária para aquele que preside. E o mesmo diz o Filósofo, em sua política (Polit. lib. 4, cap. 2), que a corrupção do governo ocorre quando o governo envolve as mulheres.” [Tradução nossa] Texto latino: “Ratio autem quare subditae sunt et non praesunt est quia deficiunt ratione, quae est maxime necessaria praesidenti. Et ideo dicit philosophus, in politica sua, quod corruptior est quando regimen pervenit ad mulieres.”



acreditar que a mesma situação se seguirá, pois é evidente que as mulheres teriam [1] *poucas escolhas* e muitas relações [2] *com desconhecidos*, donde a voz feminina seria diminuída, principalmente das viúvas e solteiras.

Diante disso, cabe a nós uma última reflexão sobre a racionalidade e a capacidade de liderança. Essa suposta maior racionalidade masculina aconteceria porque os homens teriam mais facilidade para uma **concentração** mais abstrata, devido *a menor influência<sup>31</sup> do corpo sobre o intelecto*. De fato, para um homem, se ele tiver uma dor em qualquer parte do corpo, não é possível se concentrar direito. Imagine então se o homem tivesse todos os sintomas da TPM, será que ele conseguiria se concentrar? Assim, a concentração seria o elemento-chave para se compreender essa suposta maior racionalidade masculina, o que poderia **abrir uma brecha<sup>32</sup>** dentro do tomismo para a possibilidade da liderança feminina. Desse modo, na suposição de que existam mulheres que não sofram tanto dos sintomas hoje conhecidos como sendo da TPM, poderíamos admitir que, nelas, há maior concentração, maior autocontrole e, portanto, maior capacidade de liderar. Apesar de Tomás de Aquino não ter escrito isso, acredito que ele poderia concordar com uma liderança feminina com essas condições. Maria [mãe de Jesus] tinha autocontrole<sup>33</sup>, isto é, sua razão tinha domínio sobre a concupiscência da carne, apesar de que isso teria ocorrido por influência milagrosa e sobrenatural de Deus.

Além disso, vale lembrar que Tomás de Aquino **não era um determinista**, no sentido de que tudo o que ocorre em nós já está determinado pela nossa natureza, onde poderíamos encontrar **outra brecha** dentro do tomismo para a liderança feminina. É observável que ele apenas toma a natureza como referência com o intuito de *facilitar a vida social* dos homens e mulheres, propondo papéis sociais que exija menos esforço e responsabilidade de cada um. Contudo, há também no tomismo a dimensão da vontade e do livre arbítrio, onde nem tudo está determinado. Assim, podemos dizer que Deus lança a graça igualmente para todos, mas o nosso recipiente pode estar furado e deixar passar a graça. Isso vale tanto para homens quanto para mulheres, pois cada um poderia buscar com a sua liberdade aperfeiçoar-se na Graça através da oração, jejum e outras práticas religiosas na busca de um melhor autocontrole. Sendo assim, a vontade e o livre-arbítrio humanos podem mover o ser humano num constante aperfeiçoamento, levando em consideração que a matéria está sempre instável, imperfeita e inconstante. Nesse ponto da liberdade e do não determinismo, Tomás de Aquino e autores cristãos costumam ser até mesmo igualitários, pois é assim que se admite a possibilidade de se alcançar a beatitude (ou santidade) tanto para homens quanto para mulheres. Novamente, o meio religioso e espiritual (imaterial) favoreceu uma igualdade entre os sexos.

<sup>31</sup>Os apetites sexuais são coisas que se atribuem mais aos homens e, como tais apetites são carnis, poderíamos dizer que o homem sofre mais com isso do que a mulher. Contudo, devemos considerar que o homem pode ter o controle sobre esses apetites sexuais *através de uma mudança de hábito*, por exemplo: coma castidade ou celibato, mas o que ocorre com a mulher não seria possível resolver com uma mudança de hábito.

<sup>32</sup>Essas “brechas” que estou indicando não foram defendidas por Tomás de Aquino, mas nada impede que comentadores mais críticos apresentem propostas sem sair dos princípios do sistema tomista.

<sup>33</sup>Cf. S.Th. III, q.27, a. 3, co.

Para concluir esse tópico, é importante dizer que dentro de quatro paredes, por ser escondido, sabemos que há uma situação propícia para **abusos**, de modo que a única forma de combater esses “abusos escondidos” é **conscientizando sobre uma melhor compreensão da visão tradicional**, tanto os homens quanto as mulheres, estas principalmente por serem as vítimas dos abusos sem ter consciência disso. Tendo consciência disso, podemos consertar melhor as coisas. Assim, vale reforçar que, no pensamento de Tomás de Aquino, a dita “submissão feminina” dentro da família não envolve se submeter em todas as coisas, pois **não** se trata de uma **submissão absoluta** da mulher ao homem. Quando Tomás de Aquino coloca um motivo para que a submissão aconteça, se segue necessariamente que a submissão feminina está *em função desse motivo*. Desse modo, ele trata a submissão feminina como uma **submissão relativa**. Em outras palavras, Tomás de Aquino está colocando **uma condição** para que a submissão ocorra legitimamente, ou seja, apenas no caso em que o homem está **com sua racionalidade eficiente**. É importante deixar claro que a liderança masculina da família *não impede* que a esposa proponha sugestões ao marido. Sugestões essas que muitas vezes são mais racionais do que aquelas supostas inicialmente pelo marido. Sendo assim, mesmo nesse estado de submissão, a mulher também pode agir e convencer racionalmente o marido. Portanto, a proposta tradicional é a de que a mulher somente se submeter ao homem para efeitos de organização do grupo social, que é a família, a qual precisa de um líder para unificar as decisões do grupo. Vale lembrar que, ao mesmo tempo em que o homem **toma as decisões**, ele também **se responsabiliza** por tais decisões. A mulher não precisa se responsabilizar por nada. Há o bônus da liderança, mais também o ônus. Há a vantagem, mas também a desvantagem. Há o agradável, mas também o desagradável.

## 5. Como compreender o Pecado Original?

Para finalizarmos, vejamos uma reflexão tomista interessante que envolve o Pecado Original. Normalmente, culpamos Eva e, por extensão, a mulher, pela desgraça do pecado original, mas Tomás de Aquino defende uma teoria que reduz o peso dessa culpa drasticamente. Para iniciar a sua reflexão, ele faz a seguinte pergunta parafraseando: se o pecado original foi cometido no início da criação da espécie humana, como podemos dizer que esse pecado original está em nós no presente?

Antes de responder essa pergunta é necessário compreender o que seria um “pecado”. Normalmente, temos em mente uma visão de “pecado” como uma “desobediência de uma lei” ou como uma “culpa mental” ou algo que está somente na nossa cabeça, mas essa visão não pode ser aplicada aqui sem ressalvas a Tomás de Aquino. Muitos tomam as noções de “lei” e de “culpa mental” como sendo o resultado de uma cultura, isto é, de coisas que o ser humano teria construído socialmente. Desse modo, é evidente que não se pode atribuir a Tomás de Aquino, afinal de contas, como haveria um “pecado” numa pessoa que não “desobedeceu nada” ou como uma pessoa que não fez nada poderia ser culpada? Compreender pecado desse modo torna ininteligível o

pensamento de Tomás de Aquino e o do cristianismo. Diante disso, podemos dizer que Tomás de Aquino, dentre outros, compreendia o “pecado” como uma “**corrupção da natureza**”, ou seja, trata-se de uma concepção **naturalizada** de pecado. Assim, trata-se de um defeito presente na natureza. Quando cometemos o ato do pecado, nós estamos deteriorando a nossa própria natureza, nosso próprio ser, ou nosso organismo (por assim dizer de modo concreto).

Tendo isto em vista, uma resposta simples para a pergunta que Tomás de Aquino dará será a de que o pecado foi *transmitido de geração em geração*, de Adão e Eva até nós<sup>34</sup>. Assim, Adão possuía uma natureza íntegra no estado de inocência antes do pecado original, mas o pecado de Adão deteriorou a sua natureza, de modo que Adão, ao gerar filhos, transmitiu a sua natureza deteriorada adiante. Esse defeito ou mancha (expressa pela dor, sofrimento e pela morte) que possuímos na nossa natureza seria a marca do pecado original. Entrando em mais detalhes, para Tomás de Aquino, essa transmissão ocorreu e ocorre ainda hoje através do *sêmen masculino*, de modo que, por isso, o sexo que praticamos hoje é impuro e transmite a impureza vinda do pecado original para os sucessores hereditariamente. Esse modo de tratar o problema é genial porque não isenta nenhum ser humano do pecado original, considerando que todos os seres humanos vieram-a-ser como fruto de uma prática sexual. Não se deve esquecer aqui da exceção que é Cristo, o qual, *segundo o cristianismo*, teria sido concebido no ventre da virgem Maria diretamente pelo Espírito Santo (sem a prática do sexo por parte de Maria e José), e isso é exatamente aquilo que justifica, para Tomás de Aquino, a defesa cristã de que Cristo não recebeu a mancha do pecado original.

Segundo a fé católica, devemos admitir firmemente que, com a só exceção de Cristo, todos os homens, nascidos de Adão, contraíram deste o pecado original. (...) E a razão disto pode fundar-se no que já foi dito: pelo pecado do primeiro pai se lhe transmitiu aos descendentes a culpa original (...). Por onde também a culpa original se transmite a todos os originados de Adão pelo movimento da geração (S.Th. I-II, q.81, a. 3, co).

Ora, o ato gerador não se dá senão pela virtude geratriz ativa. Por onde, só contraem o pecado original os descendentes de Adão, por uma virtude geratriz ativa, dele originalmente derivada. E isso é proceder dele por geração seminal, pois a virtude seminal não é senão a virtude geratriz ativa (S.Th. I-II, q.81, a. 4, co).

No entanto, usando-se da Biologia aristotélica, Tomás de Aquino dá um passo além. Como vimos, no ato sexual, o homem tem um papel ativo e a mulher tem um papel passivo. Sendo assim, como podemos dar a culpa pela transmissão do pecado original para alguém que apenas recebe a ação passivamente? O leitor já deve ter imaginado a conclusão que Tomás de Aquino tirou desse questionamento. Se o homem tem o papel ativo no ato sexual, então o homem é o responsável pela transmissão do pecado original de geração em geração.

<sup>34</sup> Cf. S.Th. I-II, q.81, a. 1, co.

Incrivelmente, esse é de fato o pensamento de Tomás de Aquino sobre o pecado original, mas não acaba por aqui. O Doutor Angélico chega a dizer que, se Eva tivesse cometido pecado original sozinha e Adão não tivesse cometido, então não haveria nenhum problema para a espécie humana em geral. Observe como o foco repousa completamente em Adão. Em outras palavras, a desobediência original de Eva é considerada irrelevante para a disseminação do pecado original que nos afetaria até hoje. Vejamos nas palavras do próprio Tomás de Aquino:

Ora, é manifesto, segundo a doutrina dos filósofos, que o pai é o princípio ativo da geração, ao passo que a mãe ministra a matéria. Portanto não é pela mãe, mas pelo pai, que foi contraído o pecado original. Ora, a esta luz, se não tivesse Adão pecado e Eva sim, os filhos não contrairiam o pecado original. E o inverso se daria se Adão tivesse pecado e não Eva (S.Th. I-II, q.81, a. 3, co).

Portanto, esse pensamento tomista é muito interessante porque torna quase nula a relevância do pecado cometido por Eva, enquanto joga toda a responsabilidade do pecado original para Adão, isto é, o homem. Se Adão não tivesse desobedecido ao comer o fruto proibido, então nós nunca teríamos o pecado original. Nesse pensamento tomista, se falamos de um mal advindo de Eva, ele não foi o de comer o fruto proibido, mas sim o de *convencer o homem a comê-lo*, o que diminui a culpa feminina e realça a responsabilidade masculina a respeito do pecado original na medida em que Adão se deixou convencer por Eva. Mesmo assim, o pecado original não entrou no mundo por ambos os sexos, mas apenas pelo homem, como se observa no texto seguinte de Tomás:

[...] diz o Apóstolo [Rm5]: **‘por um homem entrou o pecado neste mundo’**. Ora, [se fosse por ambos,] deveria mais acertadamente dizer que entrou por ambos, porque ambos pecaram; ou antes, pela mulher, que pecou primeiro, se por ela se transmitisse à prole o pecado original. Logo, não é pela mãe, mas pelo pai, que o pecado original se transmite à prole (S.Th. I-II, q.81, a. 5, co).

### Considerações Finais:

Nesse artigo, nós verificamos algo muito importante que não podemos perder de vista: *identificar as diferenças para favorecer a igualdade entre os sexos*. De fato, não podemos simplesmente pensar que homens e mulheres sejam iguais biologicamente, de modo que os aspectos biológicos e físicos, segundo o aristotelismo, que irão prejudicar as mulheres. De fato, enquanto o intelecto igualava, o físico-biológico desigualava. O intelecto seria enviado por Deus igualmente para homens e mulheres, mas a recepção da matéria seria diferente. Assim, não é a *racionalidade em si* que desigualava homens e mulheres, mas seria a *racionalidade em função do corpo*, pois seria o corpo que diminuiria a eficiência do intelecto. É claro que isso só indicaria que a mulher precisaria de um *esforço maior* para alcançar maior inteligência, mas ela também poderia. Do mesmo modo, o homem pode não se dedicar à inteligência e ter uma inteligência inferior a das mulheres.

Indo um pouco além de Tomás de Aquino (mas não totalmente, porque ele era indeterminista), nós poderíamos acrescentar as características do **esforço** e da **dedicação**, que dependem unicamente da força de vontade de cada um. Atualmente é por isso que tendências existencialistas costumam favorecer o movimento feminista. Observe-se que é anacrônico atribuir existencialismo a Tomás de Aquino, mas também é errado considerá-lo como um mero essencialista, de modo que poderíamos atribuir um meio-termo entre existencialismo e essencialismo.

Desse modo, podemos oferecer subsídios para a **defesa da mulher, mesmo que seja numa visão tradicional**. Nesse sentido, para conseguir isso, é importante que o feminista considere que há **usos** do pensamento tradicional, mas também há **abusos** e **compreensões limitadas**. Os usos ocorrem quando se compreende melhor a definição do pensamento tradicional, mas os abusos extrapolam a definição. Por falta de conhecimento (ou por interesses mesmo), não são poucas as vezes que ocorrem abusos, mas esses abusos não definem o pensamento tradicional. Assim, por exemplo, quando um movimento feminista for prestar algum serviço social numa comunidade tradicional de religiosos, o grupo feminista não precisará bater de frente com tais posições, mas poderá simplesmente usar desses subsídios teóricos para convencer os membros dessa comunidade a respeito dos problemas sociais vivenciados pelas mulheres.

Assim, supondo que a liderança masculina está alicerçada somente na sua suposta maior racionalidade, em casos em que o homem claramente não está usando a razão, mas emoções e desejos, não há motivos para a mulher se submeter ao homem. Por exemplo: se o homem está bêbado, não há razões para a submissão feminina. Além disso, nos casos em que o homem está claramente movido por ódio, o que ocasiona a prática de **violência doméstica**, também não há razões para a mulher se submeter. De fato, um pensamento tradicional de “submissão absoluta” é uma das razões que forçam a mulher a se submeter ao homem, mesmo nesses casos absurdos de violência doméstica. Diante disso, sem sair do pensamento tradicional, podemos reconhecer a importância do conceito de uma “submissão relativa”, isto é, uma “submissão com condições”, como uma forma de lutar contra a violência doméstica. Portanto, essas práticas de violência doméstica podem ser claramente identificadas como “**abusos**” da visão tradicional, considerando a interpretação apresentada nesse artigo.

É claro que, pela liberdade advinda do intelecto e da vontade (que são funções biológicas), todos (homens ou mulheres) podem fazer qualquer coisa, mas não podemos perder de vista que a condição da matéria do corpo pode favorecer ou não certas realizações. Sendo assim, os antigos e medievais não atribuíam uma função social, civil ou econômica (doméstica) apenas por alguém “ser homem” ou “ser mulher”, mas antes eles visavam **as propriedades naturais** que comumente cada sexo tem, atribuindo as respectivas funções que se adaptem melhor a essas propriedades. Portanto, o Doutor Angélico compreendia que estava atribuindo “pesos” para cada sexo segundo o que cada um pudesse “aguentar carregar”, seguindo o que considerava ser a justa medida.

Desse modo, com este nosso artigo, buscamos mostrar que **não precisamos supor que eles quiseram** prejudicar as mulheres ou reforçar um machismo existente na época. Assim, não se trata de algo **cultural**, como se eles apenas tivessem convencionado aqueles pensamentos intencionalmente, mas eles defendiam como algo **natural** e como tal deve ser tratado quando se fala destes pensadores. Quando diziam que a mulher era um suposto “defeito”, isto foi uma *consequência inevitável dos instrumentos lógicos* que estavam usando e do conhecimento que tinham na época. Em outras palavras, *eles não tiveram escolha a não ser concluir isso*. Mesmo assim, observe que logo depois de afirmar a mulher como um “defeito”, Tomás de Aquino complementa dizendo que em termos universais da natureza e teológicos, a *mulher não pode ser um defeito*. Donde se verifica clara intenção de **corrigir** ou, no mínimo, **amenizar** tal compreensão que se tinha na época.

Portanto, mesmo Tomás de Aquino não tendo conhecimentos suficientes, o leitor há de concordar que houve uma *boa vontade* de sua parte em valorizar a mulher o máximo que pôde. Isso se verificará principalmente pela natureza do intelecto, pela Teologia Natural e pelas interpretações incomuns que fazia das Escrituras. Observe-se que Tomás de Aquino não teve nenhum medo de atribuir ao homem a responsabilidade pela difusão do pecado original, o que reforça a ideia de que Tomás não queria privilegiar um sexo em detrimento do outro.

### Referências Bibliográficas:

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica (Summa Theologiae)*. Trad. por A. Correa. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980. A 1ª parte (S.Th. I) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/1817>; a 1ª da 2ª parte (S.Th. I-II) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/10>; a 2ª da 2ª parte (S.Th. II-II) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/3290>; já a 3ª parte (S.Th. III) está disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/27>. Acesso em 26/10/2015.

\_\_\_\_\_. *Suma Teológica*. Tradução de Aldo Vannucchi, OP et alii. Tomo I-IX São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Suma Contra os Gentios*. Tradução de Odilão Moura. 1º Vol. Porto Alegre: EST, 1990; 2º Vol. Porto Alegre: PUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sententialibri Politicorum*. Textum adaequatum Leonino 1971 edito ex plagulis de prelo emendatum a translato Roberto Busa SJ in taenias magneticas denuo recognovit Enrique Alarcón atque instruxit, 1971. Disponível em:

<http://www.corpusthomisticum.org/cpo.html>. Acesso em 26/10/2015. Acesso em 26/10/2015.

\_\_\_\_\_. *Super I Epistolam B. Pauli ad Corinthioslectura [Reportatio vulgata], a capite XI ad caput XVI*. TextumTaurinieditumacautomatotranslatum a Roberto Busa SJ in taenias magnéticas denuorecognovit Enrique Alarcónatqueinstruxit, 1953. Disponível em: <http://www.corpusthomisticum.org/clv.html#87680>. Acesso em 26/10/2015.

ARISTÓTELES. *Sobre a Geração e a Corrupção*. Tradução de Francisco Chorão. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2009. Disponível em: <http://www.obrasdearistoteles.net/files/volumes/0000000035.pdf>. Acesso em 26/10/2015.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Geração dos Animais*. Tradução parcial de Osvaldo Pessoa Jr. USP: 2010. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/HCTex-Aristoteles-Geracao.pdf>. Acesso em 26/10/2015.

\_\_\_\_\_. *A Política*. Trad. de Mário da Gama Cury. Editora Universidade de Brasília, Brasília, c. 1985.

BUCKFIELD, Adam de. *CommentariumIn De Somniis*.TextumParmae 1866 editum acautomatotranslatum a Roberto Busa SJ in taeniasmagneticas denuorecognovit Enrique Alarcónatqueinstruxit, 1866. Disponível em: <http://www.corpusthomisticum.org/xsm.html>. Acesso em 26/10/2015.

BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Trad. Ed. Contraponto, Puc-Rio, 2006.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.- DALTON K, GREENE R,. *The premenstrual syndrome*. British Medical Journal: 1953.

DAVIDSON, D. *Inquiries into truth and interpretation*. Oxford: Clarendon Press, 2001.

PLATÃO. *A República*. Trad. de Anna Lia Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RAMOS, César Augusto. *Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo*. Kriterion, vol. 55, no. 29. Belo Horizonte, 2014.